

♦ **An Introduction to the Study of International Relations** Obra de EDWARD HALLETT CARR (1892-1982) que parte da tensão polar entre o que qualificou como *utopismo* e o que cunhou como *realismo*, se procura distanciar-se do primeiro, marcado por *naivety and exuberance*, também não cai no desespero do segundo, que acusa de *sterility*. Refere, aliás, três matrizes para esse utopismo do pós-guerra. Em primeiro lugar, o otimismo intelectualista, originário do Iluminismo do século XVIII. Em segundo lugar, as ideias liberais, do século XIX, ainda marcadas pela rigidez da economia clássica. Em terceiro lugar, os que, no pós-guerra, invocaram a ideologia wilsoniana. Nestes últimos, critica, sobretudo, a ilusão de considerarem que um homem de Estado tem liberdade de escolha para levar a cabo uma política externa e, conseqüentemente, que podem executar-se as boas intenções de tais protagonistas. Muito ironicamente, desdenha dos que continuavam a dizer, por exemplo, que os norte-americanos entraram na Grande Guerra como *cowboys* que foram para o combate de forma desinteressada, visando a defesa de princípios civilizacionais. De qualquer maneira, estas três grandes famílias, de marca utopista, admitiriam a existência de uma espécie de *mão invisível*, capaz de levar à harmonia de interesses na política internacional, donde surgiriam processos espontâneos de regulação da paz. Já os realistas, mais conservadores e empíricos, procurando respeitar as lições da história, exageram no ceticismo e continuam a considerar o poder como o principal conceito das relações internacionais, tal como a energia é o principal conceito da física. Nestes termos, se denuncia o pessimismo antropológico dos realistas, não deixa de, com eles, coincidir, quando defende o respeito pelas lições da história, apesar de os considerar marcados pelo cinismo. Por outro lado, tal como os chamados utopistas, acredita que o pensamento pode modificar a conduta humana, embora não aceite que se ponha ênfase na liberdade de escolha do homem de Estado. Assume, assim, a perspectiva daqueles cépticos entusiastas que se assumem como conservadores à maneira de HUME e de BURKE, defendendo o decurso do tempo e do costume, o curso natural das coisas, num evolucionismo que desconfia do progresso fundacionista, como as posturas de certos teóricos do contrato social, que acreditavam na possibilidade de construção de um homem novo, como, então, ainda faziam os chamados idealistas.